

## Memória

# CARLOS CHAGAS FILHO, UM HOMEM À FRENTE DE SEU TEMPO

Rosa Leal  
Jornalista

Foto: Otávio Magalhães/AE





Quando, em 1983, o papa João Paulo II reconheceu que a Igreja errara, três séculos antes, ao perseguir e condenar Galileu Galilei por suas idéias, um cientista brasileiro estava por trás desse processo de *mea culpa*: Carlos Chagas Filho.

Chagas Filho, falecido em fevereiro, no Rio de Janeiro, aos 89 anos de idade, foi um cientista inovador, católico fervoroso, humanista com uma aguçada percepção de futuro, e que fez da autenticidade, da simplicidade e de um profundo respeito à ética suas marcas registradas. Poderia ter-se recolhido à sombra da herança paterna, mas preferiu escrever a sua própria história, que não merece a do descobridor do *Trypanosoma cruzi*.

Membro da Academia Pontifícia do Vaticano de 1972 a 1988, dois anos dos quais como presidente, Chagas Filho provocou mudanças radicais na relação da Igreja com a comunidade científica, até porque, para ele, não havia qualquer contradição entre religião e ciência. Foi sob sua liderança que um grupo de especialistas pôde estudar e datar o Santo Sudário, a mais venerada relíquia dos católicos. Foi ele, ainda, quem inovou ao convidar cientistas do mundo inteiro, sem qualquer discriminação ideológica, racial ou de gênero (sim, as mulheres estavam presentes) para a reunião que culminou no documento da Igreja pregando o desarmamento nuclear.

Idéias arrojadas e ousadia sempre foram o seu forte. Professor da cadeira de Biofísica do curso de Medicina da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, ele recrutava já na graduação os alunos que viriam a formar a primeira geração de chefes de laboratórios do Instituto de Biofísica da instituição. O método continua sendo usado ainda hoje, com sucesso. Todos os atuais coordenadores foram recrutados ainda na iniciação científica.

Mas em 1945, quando foi criado o Instituto que desde 1983 chama-

ro uma revoada de renomados cientistas estrangeiros para ministrar aulas na Universidade.

Ao longo dos anos 50, o Instituto recebeu equipamentos completos, caros e inexistentes no país, doados pela Fundação Rockefeller, a pedido de Chagas Filho. Que, a propósito, batia em todas as portas onde houvesse possibilidade de conseguir verbas para a Universidade, fossem embaixadas ou empresários brasileiros, como Guilherme Guinle. Toda sua ação baseava-se na convicção de que o ensino e a pesquisa são indissociáveis, e de que era preciso criar uma ciência nacional de padrão internacional.

Do ponto de vista científico, era um visionário. Especialista em bioeletrogênese, trabalhava com o peixe elétrico e foi quem trouxe para o Brasil, em 1947, as novas técnicas introduzidas na bioquímica durante a 2ª Guerra Mundial, por ingleses e suecos:

a cromatografia, a eletroforese e a ultracentrifugação.

A convite do Jockey Club do Rio de Janeiro, a equipe de Chagas Filho utilizou pioneiramente o método da cromatografia na análise de doping em cavalos, o que levou à França uma das pesquisadoras, Aída Hasson-Voloch, para explicar na Escola de Farmácia, a convite dos anfitriões, a técnica empregada.

Chagas Filho foi o primeiro a trabalhar, no Brasil, com a microscopia eletrônica, e organizou o primeiro curso de aplicação médica de radioisótopos. No final da década

***Na década de 40, para compensar a inexistência de agências financiadoras, ele usava seu prestígio pessoal para conseguir bolsas de estudo no exterior para seus alunos e equipamentos para os laboratórios***

se Carlos Chagas Filho, a realidade acadêmica brasileira era muito diferente. Não havia pós-graduação, CNPq, Capes ou Finep. Para compensar a falta de órgãos oficiais que financiassem a pesquisa, Chagas Filho usava seu prestígio pessoal para conseguir bolsas de estudo no exterior para seus alunos e equipamentos para os laboratórios. Aproveitava suas constantes viagens aos Estados Unidos e Europa para convidar especialistas nas diversas áreas a virem ao Brasil. Assim, todo ano, entre julho e setembro, baixava no Rio de Janeiro

da de 50, buscando formas de tratamento da miastenia gravis e do mal de Parkinson, ele tentou isolar o receptor da acetilcolina, proteína existente no sistema neuromuscular do peixe elétrico, semelhante à dos mamíferos. Não conseguiu porque, na época, não havia ainda uma substância especial que permitisse que a proteína fosse isolada. Mais de 10 anos depois, o cientista francês Jean Pierre Changeux alcançou esse objetivo.

Esse espírito inovador acompanhou Chagas Filho em todas as atividades que exerceu ao longo da vida. Em 1966, assumiu o cargo de embaixador brasileiro junto à Unesco e provocou verdadeira “revolução” na embaixada. Bombardava o diretor-geral da Unesco com projetos e propostas e batallava para colocá-las em prática. Integrou a Comissão de Salvaguarda de Veneza. Foi um dos fundadores da Academia de Ciências do Terceiro Mundo e da Academia Latino-Americana de Ciências.

Extremamente educado e afável, jamais perdia a paciência, ouvia a todos atentamente. Mesmo quando já não ocupava funções administrativas no Instituto de Biofísica, era chamado a opinar e, em geral, sua solução era acatada. Colocava a instituição acima de tudo, inclusive dos seus próprios interesses.

Na juventude foi jogador de basquete do Fluminense, time que era a sua paixão. Leitor voraz, apreciava a literatura francesa. Integrou o Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, a convite de Antônio Houaiss. Era amigo de poetas, como Manuel Bandeira

## O APRENDIZ E A UNIVERSIDADE ABERTA

Em dezembro de 1980, quando completou 70 anos e recebeu o título de Professor Emérito da UFRJ, Carlos Chagas Filho, mais uma vez, reafirmou sua visão de Universidade.

“A Universidade com que sonho é a Universidade aberta. Se é só no recolhimento de seus laboratórios, bibliotecas, salas de aula e seminários em condições propícias da relação docente/aluno que a Universidade amearhará conhecimento, este não deve ser atestado somente pelos pergaminhos, nem porejar lentamente através de suas paredes, mas deve se estender por meios propícios de difusão e comunicação a todas as classes sociais. Universidade aberta, onde não se firmem os bastiões do clanismo e do protecionismo, auto-hibridizantes, seja esterilizadores, mas que aceite a fecundação que vem de fora, pelas idéias e pelos docentes, que souber absorver, voltada, ao mesmo tempo, para a sociedade em que vive. Universidade sem complexo faustiano certa de que se é grande a sua parte na edificação da sociedade, outros de seus construtores dela não surgiram e vêm de todos os horizontes, dos mais afastados e dos mais próximos, pois daqueles fazem parte até mesmo os iletrados. (...)

Penso que a Universidade e o Brasil sofrerão grave queda de sua produção científica e terrível migração de talentos, se melhorias das condições de trabalho não forem asseguradas aos nossos cientistas. É que nos estão faltando recursos materiais para manter em atividade os recursos humanos que possuímos. Falta-nos estímulo. Faltam-nos mais recursos, muitas vezes mínimos. Faltam-nos melhores perspectivas de trabalho e, até mesmo, mercado que possa absorver nossos pós-graduandos. (...)

Se não forem tomadas a tempo, com os esforços que sejam necessários, medidas de recuperação e reestruturação de nossa infra-estrutura científica, seremos presas da frustração de que nos fala Cecília Meireles:

*Minhas mãos por águas perdidas,  
Foram pura inutilidade.”*

e Vinícius de Moraes, de escritores como Pedro Nava, e de cantores e compositores como Paulinho da Viola, Olívia e Francis Hime.

Nos últimos sete anos, mesmo com a saúde bastante debilitada, ia pelo menos duas vezes por semana ao Instituto de Biofísica, na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro. Anualmente dava um curso de Filosofia

da Ciência para alunos da pós-graduação. Sua última contribuição ao país foi a autobiografia que escreveu com o auxílio dos amigos Paulo Gadelha e Darci Almeida. O livro, intitulado *Um Aprendiz de Ciência*, é uma edição conjunta da Fundação Oswaldo Cruz e Editora Nova Fronteira e será lançado ainda neste semestre. 